

# TERRORISMO AFRICANO

*Tarik Rocha Malantrucco*<sup>1</sup>

## Resumo

Pouco se explora o que acontece no continente africano, tanto sua história quanto sua atualidade são normalmente reduzidas a poucas palavras como pobreza e guerras. A ideia do presente artigo é conectar o terrorismo com as condições políticas e econômicas locais. Diferente do senso comum, o terrorismo também se manifesta no continente africano com bastante impulsão e é responsável por criar péssimas condições de desenvolvimento político.

Palavras-Chaves: África; terrorismo; instabilidade, miséria.

## Introdução

O atentado realizado pelo grupo terrorista Al-Qaeda no fatídico 11 de Setembro de 2001 iniciou um novo período da história e trouxe consigo a famosa “Guerra ao Terror”, promovida pelos Estados Unidos da América, a qual levou contingentes imensos para o Oriente Médio e acabou se prolongando por muitos anos. Com isso, tivemos uma geração inteira que conviveu com as imagens de Osama Bin Laden fazendo pronunciamentos de dentro de uma caverna, dos aviões chocando-se contra as torres do World Trade Center, das bandeiras norte americanas queimadas em meio a multidões e dos soldados americanos “caçando terroristas” nos longínquos desertos do Iraque e Afeganistão. Logo, associou-se, mesmo que inconscientemente, terrorismo ao Oriente Médio e aos muçulmanos. No entanto, o terrorismo (sentido etnológico vem de *terrere* que significa assustar; temor) não é algo novo e muito menos foi inventado por fundamentalistas islâmicos no século XXI. É uma prática que já data de outros séculos, e se manifestou (e se manifesta ainda) de diferentes maneiras ao redor do mundo. Cabe nesse estudo, sair do senso comum e observar como esse fenômeno político do terror se manifesta na África, um continente que tem sua história recente marcada por instabilidades políticas, pobreza e guerras civis.

O continente africano talvez seja a região do planeta mais conturbada do planeta atualmente. Devido às explorações do imperialismo europeu materializado pela

<sup>1</sup> Pós-graduado em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (RJ, 2022) do Exército Brasileiro, Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (RJ, 2013).

“partilha da África” na Conferência de Berlim de 1885, construiu-se aí um ambiente confuso e à mercê das vicissitudes das mais variadas ordens, e assim, o sofrimento, a miséria e a violência extrema absorveram grande parte de sua população colocando-a numa situação dantesca e distante de qualquer padrão de qualidade de vida aceitável. Em meio a todo esse caos político, econômico e militar em muitos Estados africanos, grupos terroristas acabam por encontrar condições favoráveis para se desenvolverem e promoverem suas ações.

## **Desenvolvimento**

A África com certeza é muito mais do que os veículos de mídia trazem até a nós. Devido a uma certa “exploração midiática” a respeito dessa região – principalmente no fim dos anos 90 e início dos anos 2000 - que denunciaram as mazelas de um continente esquecido e repleto de epidemias de fome, cóleras e violências tribais; torna-se compreensível que o senso comum associe o continente inteiro com desgraças. De fato, a África sofreu e ainda sofre com muitos problemas sociais, econômicos e políticos, no entanto não podemos resumir uma área de 30.370.000 km<sup>2</sup> a isso. Muitos países estão se desenvolvendo brilhantemente, através do fortalecimento de suas instituições, do comércio, da industrialização, e assim, estabilizando-se ao passo de exercer plenamente sua soberania diante do cenário interno e internacional, a exemplo da África do Sul e da Nigéria que hoje figura como a maior economia da África.

Apesar disso observa-se, no conjunto, que muitos Estados africanos sofrem com constante instabilidade devido a disputas de poder local, fazendo com que grande parte da população seja lançada a miséria extrema e viva num ambiente de sobrevivência a todo tempo. Mas de onde vem esse caos?

### **- Colonização e Descolonização Africana**

Nos fins do século XIX, os estudos de geografia motivados por corridas imperialistas criaram diversas teorias que relacionavam o espaço físico com o poder mundial. Dentre essas teorias, destaca-se o determinismo de Friedrich Ratzel que trouxe o conceito de “espaço vital”, onde basicamente vinculava a necessidade de

terras para o desenvolvimento dos povos. Teoria que veio a justificar e impulsionar as corridas pelos poucos “espaços disponíveis” do mundo. Além disso, a Europa e os Estados Unidos respiravam os ares da 2ª Revolução Industrial, fazendo com que as potências industriais buscassem por fornecedores de matéria prima e mercados para seus excedentes de produção. Essa era a atmosfera da Era dos Impérios (termo cunhado em livro de Eric Hobsbawn).

Um dos espaços a serem perseguidos pelas potências era o imenso continente africano. Em meio a uma atmosfera do “concerto europeu” procedeu-se a Conferência de Berlim em 1885 para que a África pudesse ser partilhada e colonizada de forma organizada. Posteriormente às discussões, acordou-se o seguinte produto conforme figura abaixo:



FIGURA 1 – COLONIZAÇÃO AFRICANA

(Fonte: <https://www.todamateria.com.br/conferencia-de-berlim/>)

Calcula-se que existam 3 mil tribos africanas, aproximadamente, distribuídas pelo continente e mais de 2 mil idiomas falados. Com isso, percebe-se o tamanho da diversidade de etnias e da multiculturalidade da África. Obviamente que essa informação foi irrelevante para que as potências realizassem os cálculos de partilha.

Basicamente, os fatores observados se restringiram apenas ao tamanho e qualidade dos recursos naturais de suas “fatias”, bem como deveriam refletir as feições realistas do concerto europeu. A aglutinação de diferentes povos sob uma única unidade administrativa foi o início de um grave problema.

A colonização desses territórios não se desdobrou de forma homogênea, cada potência aplicou seu modelo e variou a intensidade de controle segundo seus interesses diretos.

*“o governo britânico envolveu-se pouco na administração direta. Não alterou as bases dos governos locais, superpondo representantes seus que passaram a atuar como intermediários.”*

*“Em relação ao Congo Belga, encontramos um caso particular de colonização, provavelmente o mais danoso para as populações locais. (...) As populações foram submetidas ao trabalho forçado, compulsório. Isso logo depois da intensa propaganda europeia contra a prática da escravidão. Numa palavra, o que se sucedeu no Congo foi uma pilhagem generalizada, em proporções até então nunca vistas” (MACEDO, 2020, p. 141)*

Com isso, houve disparidades muito nítidas com relação às características e desenvolvimento dos territórios em questão, e assim, as assimetrias - em todos os níveis que já existiam previamente - foram claramente acentuadas no continente.

No período pós-2ª guerra mundial, com mais intensidade, os povos africanos passaram a combater o colonialismo de uma forma mais generalizada e coesa. Os desdobramentos para as independências também se manifestaram de formas diferenciadas sendo umas através do combate – como no caso da Argélia – e outras através de negociações – como no caso de Senegal. As unidades administrativas, desenhadas pelas potências, foram conquistando sucessivamente sua autonomia política, porém, o continente, de uma forma generalizada, passaria a uma nova fase. Os diferentes povos passaram a disputar pelo poder dos Estados recém-criados, outras etnias invocaram movimentos separatistas e até interesses de empresas privadas interferiram e financiaram parte do jogo político. O resultado foi uma onda de guerras civis promovida pelos “War Lords” locais e suas milícias, mercenários e grupos fundamentalistas-islâmicos. Tal situação perpetua-se em muitas regiões da África ainda

hoje, e é responsável pelo atraso social da população, que a coloca numa condição de miséria extrema, e dificulta que a unidade territorial tenha condições de se reerguer e prestar suas obrigações de Estado para com sua população.

#### - Terrorismo, Fundamentalismo e Miséria

O fundamentalismo por definição é a adesão a um conjunto específico de doutrinas teológicas tipicamente em reação ao moderno. Basicamente é a incorporação de dogmas sagrados, a imutabilidade de seu significado e a aplicação rígida das leis divinas em todos os segmentos da vida social e política.

Majoritariamente, os grupos terroristas do século XXI apresentam características fundamentalistas. Esses grupos carregam a bandeira de luta contra os “infiéis” – entende-se por “infiel” aquele que não segue o Islã na sua forma mais pura- e buscam o controle político de diversos territórios a fins de governar sob as leis sagradas . Além disso, promovem ataques contra os povos que representam o “moderno”, tendo os Estados Unidos e a Europa como principais símbolos e alvos. No entanto, eles se manifestam de diferentes formas, não estão necessariamente conectados e por muitas vezes acabam competindo influência e combatendo entre si. Afinal dentro do próprio Islã, como em qualquer outra religião, existem formas diferentes de interpretação e pensamento– a exemplo dos xiitas e sunitas.

O terrorismo na África se manifesta nessas linhas gerais. Existem diversos grupos e células atuantes pelo continente, notadamente, na Somália e no Norte do deserto do Saara, onde o fundamentalismo islâmico se consolidou com mais vigor por razões do expansionismo do Islã nessa região – através dos mercadores que cruzavam o deserto do Saara já no século VII. Dentre os grupos em ação, destaca-se o Al-Shabaab que foi muito atuante na região do Chifre da África.

O Al Shabaab – traduzido do árabe como “A Juventude” - atua na região do Chifre da África, em especial na Somália e na Etiópia. O grupo teve origem através da ala dos jovens radicais da extinta União dos Tribunais Islâmicos da Somália (UTI). A UTI era basicamente um grupo fundamentalista com interesses políticos e possuía poder militar através de sua milícia. Em Mogadishu, capital da Somália, a UTI aproveitou a instabilidade e enfrentou “War Lords” locais em 2006 e por fim acabou dominando a

capital após intensos combates. De forma resumida, após esse tentativa, em poucos meses, uma coligação entre algumas milícias derrotadas chamada Aliança Para Restauração da Paz e a Luta Contra o Terrorismo (APRPLCT), a qual recebeu financiamento dos Estados Unidos da América conforme pronunciamento do presidente George Bush. Esse choque de coligações (UTI versus APRPLCT) levou o país a sangrenta Guerra da Somália que durou 3 anos 2006-2009. Esse conflito contou também com o apoio de forças Etíopes – país fronteiriço – através da resolução 1725 do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). Devido ao fácil avanço das tropas da APRPLCT e das forças etíopes, a UTI acabou se desfazendo e a missão parecia estar cumprida, fazendo com que as tropas etíopes se retirassem do conflito. No entanto, ala radical dos jovens não aceitou a derrota perante o Governo Federal de Transição Somaliano (GFT), e daí nasceu então o grupo Al Shabaab que passou a realizar ações de guerrilha e terroristas buscando assim retomar territórios antes perdidos. O grupo continua até os dias de hoje e tem como objetivos a não aceitação do governo somaliano e condena o apoio político e militar da Etiópia. Desde então, a região já assolada pelo contexto histórico de abandono estatal, corrupção, e desgraças naturais, precisa ainda sofrer as turbulências políticas locais que são impossibilitadas de encontrar equilíbrio, devido as ações violentíssimas e o clima de terror promovido pelo grupo Al Shabaab.



FIGURA 2 – Membro da Al-Shabaab carregando bandeira do Grupo

(Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/editorial/image-editorial/somalia-al-shabaab-mogadishu-somalia-6968512a>)

Através desse breve histórico do grupo Al Shabaab, observa-se uma característica fundamental que marca a história de todos os demais grupos terroristas no continente africano - Boku Haraam e Al Qaeda por exemplo. O senso comum costuma atribuir ao Islã como o principal culpado por incentivar e conduzir esses grupos, essa percepção é puramente errônea, o cerne do problema é a miséria. Assim como na Somália, a região do Magreb Islâmico, em especial o Mali, tem sofrido muito com as ações da Al Qaeda nos últimos anos, e assim, fazendo com que o país sofra diariamente com o terror e a instabilidade institucional, dificultando que as estruturas se consolidem ao ponto de dar condições para que o Estado possa agir em prol do seu povo. O Mali, assim como a Somália, são países com índices de desenvolvimento humano e social muito baixos, os quais oferecem condições propícias para que o fundamentalismo ganhe espaço com facilidade. Situação semelhante se pode observar em diversos episódios pelo mundo, inclusive aqui no Brasil a exemplo do movimento messiânico de Canudos, onde as condições de pobreza do interior nordestino fizeram com que milhares de pessoas se apoiassem num fervor religioso que as conduziram a uma luta suicida contra as tropas do governo. As pessoas dessas regiões da África estão sobrevivendo em um cenário de extremos, e por conta disso, é natural que elas busquem por uma “salvação divina”. O fundamentalismo, assim como o messianismo de Canudos, deu essa oportunidade de escapar dessa realidade.

*“Contempla ali a ruína da fazenda; bois espectrais, vivos não se sabe como, caídos sobre as árvores mortas, mal soerguendo o arcabouço murcho sobre as pernas, marchando vagarosamente, cambaleantes; bois mortos há dias e intactos, que os próprios urubus rejeitam, porque não rompem bicadas as suas apeles esturradas; bois jururus, em roda da clareira de chão entorroadado onde foi a aguada predileta; e o que mais lhe dói, os que ainda não de todo exaustos o procuram, e o circundam, confiantes, urrando em longo apelo triste que parece um choro” (CUNHA, Euclides da. Os Sertões, 1902)*

## **Conclusão**

Por fim, feita uma análise breve a respeito das origens relativamente recentes da geopolítica do continente africano. Observa-se que prevalece uma série de questões mal resolvidas desde a época das práticas imperialistas das grandes potências europeias do século XIX. Numa mistura de diversidades étnicas, fronteiras artificiais e claros de poder, a guerra tomou conta de grande parte das nações. Atualmente, existem nações na África que estão conseguindo se fortalecer suas instituições e governo, enquanto outras ainda estão lançadas num cenário de caos. Países que apresentam uma situação de emergência como a Somália oferecem condições propícias para grupos terroristas se procriarem e se fortalecerem. Impedem o desenvolvimento e perpetuam a população numa esfera de combate e miséria. O problema nunca foi o fervor do Islã, e sim a pobreza que serve de combustível político para esses grupos terem sucesso em propagar o fundamentalismo. A religião é apenas uma bandeira para um problema muito mais sério. A solução é de ordem econômica, social e não apenas militar.



## Referências

LITRENTO, OLIVEIROS. **CANUDOS – VISÕES E REVISÕES**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1998. 260p.

MACEDO, JOSÉ RIVAIR. **HISTÓRIA DA ÁFRICA**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. 190p.

RAPOPORT, David C. **WAVES OF MODERN TERRORISM FROM 1880 TO THE PRESENT**. In: *The Four Waves of Modern Terrorism*: Columbia University Press, 2004. p. 46-73.

VAUCHER, VANESSA. **Operações de Paz na Somália**. Brasília, 2005. Monografia (Bacharelado em Relações Internacionais) – Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).